

Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Volume 4 - Nº 2 – Abril/Junho - 2014

O PROCESSO DE AUTORIA DISCENTE VINCULADO A UM PROJETO DE EXTENSÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Gerson Tavares do Carmo¹

Doutor em Sociologia Política (UENF)

Karine Lôbo Castelano²

Doutoranda em Cognição e Linguagem (UENF)

Elaine Codeço Queiroz Barreto³

Graduanda em Pedagogia (UENF)

Resumo

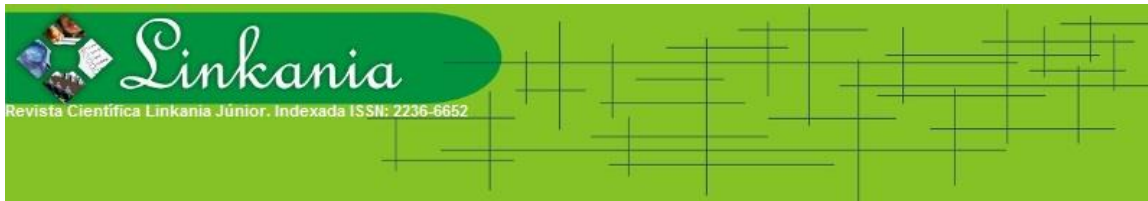
Este estudo tem como foco de análise os processos de criação e escritura a partir de uma interface interdisciplinar entre as análises do ponto de vista da Educação e da Linguística. Na presente pesquisa, inicialmente, três docentes dos anos iniciais de instituições públicas da Região Norte Fluminense serão escolhidas para trabalhar, em suas respectivas escolas, a questão da autoria com a poesia “Raridade”, de José Paulo Paes. A base metodológica sustentada no *corpus* desta investigação será marcada pelas análises das rasuras e dos diálogos efetivados por duplas de alunos que, simultaneamente, irão escrever poemas inventados, a partir do parágrafo inicial da poesia escolhida. Esperamos, com este projeto de extensão, contribuir para a emergência de um lócus de discussão envolvendo pesquisadores, licenciandos de Pedagogia e, especialmente, professores que estão na sala de aula vivenciando os enfrentamentos que o ensino da língua materna provoca.

Palavras-chave: Autoria. Manuscritos escolares. Escrita como processo.

¹ Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes/RJ, gtavares33@gmail.com

² Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes/RJ, kcastelano@yahoo.com.br

³ Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes/RJ, elainecodecoqb@hotmail.com



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Volume 4 - Nº 2 – Abril/Junho - 2014

Abstract

This study focuses on analysis of the processes of creating and writing from an interdisciplinary interface between the analyzes from the standpoint of Education and Linguistics. In this study, initially, three teachers of the early years of public institutions of North Fluminense will be chosen to work in their respective schools, the question of authorship with poetry "Raridade" by José Paulo Paes. Sustained methodological basis of the corpus of this research will be checked by analysis of deletions and dialogues conducted through pairs of students who simultaneously invented will write poems, from the opening paragraph of poetry chosen. Hopefully, with this extension project, contribute to the emergence of a locus of discussion involving researchers, undergraduates Pedagogy and especially teachers who are in the classroom experiencing the confrontations that the teaching of the mother tongue causes.

Keywords: Authorship. Manuscripts school. Writing as a process.

1 Introdução

Este projeto propõe a continuidade dos trabalhos de extensão e de investigação científica iniciadas em agosto de 2011, por meio do grupo de pesquisa "Escrita: poder e subjetividade"⁴ e do Núcleo de História Oral e Autoria (Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem – LEEL/Centro de Ciências do Homem – CCH/Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF), pois acreditamos que o direito ao domínio da escrita como meio de expressão e comunicação deva ser o ponto de partida de um percurso investigativo e de formação que se orienta pelo princípio da inversão da lógica que constrange, mais do que viabiliza, a autenticidade da expressão escrita em qualquer gênero que seja.

⁴ Certificado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UENF, no Diretório de Grupo de Pesquisas do CNPQ, em 2012.

Tendo isso em vista, pretendemos replicar, visando à extensão, uma experiência bem sucedida pelo grupo de pesquisa Escritura, Texto & Criação – ET&C, do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. O presente estudo tem como foco de análise os processos de criação e escritura, em escolas públicas da Região Norte Fluminense, a partir de uma interface interdisciplinar entre a Educação e a Linguística, numa perspectiva histórico-cultural.

Sobre a noção de autor, Orlandi (1988) afirma que “Não basta ‘falar’ para ser autor; falando, ele é apenas falante. Não basta ‘dizer’ para ser autor; dizendo, ele é apenas locutor. Também não basta enunciar algo para ser autor” (p. 79). Corroborando com essas ideias, Calil (2007) acrescenta que

Assim, seja qual for a concepção de autor (de autoria), ou de leitura, ou de escrita, defendida em textos que se propõem a teorizar sobre a questão, convém indagar o que se produz hoje na Universidade e em que medida tais concepções, ao serem incorporadas no discurso, confundem-se com as práticas que nomeiam (p. 166).

Ao chegar à escola, os alunos já têm suas próprias hipóteses sobre a escrita e a leitura, pois convivem com elas há algum tempo, ainda que de forma assistemática (VYGOTSKY, 1988). Entretanto, o lugar da escrita nas práticas escolares torna-se um

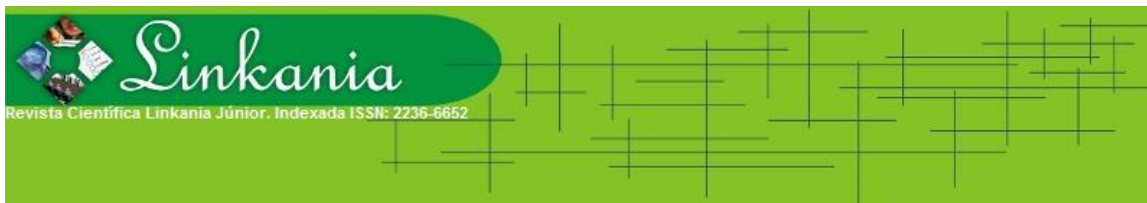
Momento em geral ansiogênico para sujeitos de qualquer idade, pois implica avaliação, isto é, julgamento, por parte de alguém que detém as insígnias socialmente legitimadas para emitir um conceito. Tal conceito terá consequências para o aluno: será elogiado ou desprezado pelos pares, agrado ou criticado por seus familiares, passará ou não de ano, com todas as repercussões que este fato acarreta para a autoestima e autoconceito de uma criança ou de quem quer que seja (CALIL, 2007, p. 183).

Dessa forma, o momento de escrever é considerado tenso, já que não há uma atitude criativa por parte do professor de língua materna (RIOLFI, 1999). É fato que, na maioria das escolas brasileiras, a prática pedagógica dos docentes ainda mantém a perspectiva de um ensino marcado por uma abordagem normativista, desconsiderando o desenvolvimento do estilo do leitor. Entretanto, no contexto atual da educação, é importante pensar em um ensino de língua materna em que o aluno construa seu próprio conhecimento e observe criticamente os gêneros textuais lidos e produzidos por ele mesmo.

2 O PROCESSO DE AUTORIA DISCENTE

A ideia deste projeto surgiu a partir dos dados obtidos na palestra do professor doutor Eduardo Calil, intitulada “Escritura na sala de aula: redes associativas na gênese do manuscrito escolar”, realizada no VII Congresso de Alfabetização e V Congresso de Educação Infantil e de Educação de Jovens e Adultos, em Uberlândia, Minas Gerais, com a temática “Práticas de leitura e de escrita para a constituição do sujeito”, realizado entre 11 e 14 de novembro de 2012. As práticas de textualização na escola e a natureza da relação entre o aluno e seus manuscritos, bem como as formas de interferência do professor de Ensino Fundamental nos processos de escritura efetivados em sala de aula constituem os pontos centrais do grupo de pesquisa coordenado pelo professor.

O grupo de pesquisa ET&C, primeiramente, tem como foco de análise os processos de criação e escritura a dois, em três gêneros distintos (narrativa ficcional, poesia e história em quadrinhos), registrados em tempo real por meio de gravações em vídeo, com destaque para a coenunciação que faz o manuscrito e seus pontos de tensão (movimentos de autoria, rasuras orais,



relações associativas) reconhecidos durante sua invenção. O levantamento destes pontos visa a descrever e tipificar as formas metalinguísticas e metaenunciativas que caracterizam o processo coenunciativo. Além disso, as aprendizagens na criação e escritura de um mesmo gênero (poesia) por uma mesma dupla são valorizadas. Tendo isso em vista, é possível observar, por meio das filmagens dos processos de escritura em tempo real, os modos de apropriação de diferentes propriedades textuais (tópicos, onomatopeias, discursos reportados e dêiticos), desde o início do projeto didático proposto até a filmagem do último processo de escritura.

Nas últimas décadas, a relação entre o texto escrito e seu processo de escritura tem sido um tema de investigação pouco valorizado no Brasil. A maioria dos pesquisadores critica a prática no ensino, mas há pouca investigação na sala de aula, sem uma metodologia de caráter participativo e que contribua com a mudança social. Portanto, este estudo é válido, pois precisamos de pesquisas que vislumbrem novas abordagens e se interessem por fatores facilitadores da escrita criativa e crítica, tirando o foco do produto.

Para tanto, Alves (1993) afirma que compete ao alfabetizador criar situações que possibilitem ao aluno fazer uso da língua(gem) escrita como forma de expressão e comunicação, logo, como bem social a que ele tem direito. Mas, ao mesmo tempo, tal prática não é exercitada enquanto alunos de Pedagogia ou “normalistas”.

Bohn (2003) discute em sua pesquisa que o professor “[...] não se considera escritor e entende que não forma alunos escritores” (p. 83). No entanto, sente-se angustiado com essa situação, incapaz de solucioná-la em sua estreita relação com a escrita, pois como seus alunos, também partilham o medo de escrever que, provavelmente, originou-se em sua formação na educação básica. E mais, não foi e não está sendo resolvido em sua primeira formação superior, uma vez que, ressalta Bohn (2003), não é de se estranhar

que "[...] alunos universitários, profissionais liberais, pós-graduandos quando confrontados com a produção textual entram em pânico" (p. 81). Pânico esse, provavelmente, oriundo dos modelos conservadores de ensino da escrita, nos quais não se permite errar.

No curso de Pedagogia da UENF/PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), situação semelhante foi constatada por Carmo et al. (2012). Dentre as vinte e seis professoras-alunas matriculadas em uma de suas turmas, vinte e duas (84,6%) explicitaram algum sentimento negativo em sua relação com a escrita. O medo de escrever "errado", "besteira" ou de "passar ideias para o papel" foram recorrentes na sondagem realizada. A ortografia e a gramática igualmente foram citadas como fonte de insegurança, do "branco" na hora em que são solicitadas a escrever algo que será lido por alguém.

Para avançar na questão, nos apropriamos do questionamento de Kramer (2001): "É possível tornarmos nossos alunos pessoas que leem e escrevem se nós mesmos, professores, não temos sido leitores e temos medo de escrever?" (p. 103). Ao mencionar sua pesquisa "Cultura, modernidade e linguagem", na qual investigou o que leem e escrevem os professores, a autora afirma que conheceu "histórias de desprazer, indisposição, obrigatoriedade e vontade de não ler", depoimentos de professoras com "pavor e vergonha de escrever seus relatórios escolares". Mais uma vez, deparamo-nos com a restrita relação do professor com a escrita, provavelmente adquirida no contexto escolar de sua infância e adolescência. Entretanto, de acordo com Calil (2007),

[...] as didáticas centradas em modelos geram inibição e inferiorização, quando não humilhação, e não favorecem nem autoria, nem autonomia, e tampouco incentivam a criatividade, pois estas requerem coragem e ousadia para transgredir minimamente as normas, características incompatíveis com as

atitudes de subserviência que a escola dos ideais e modelos cultiva (p. 185).

Levando-se em conta que os alunos vivem em uma sociedade letrada onde a língua escrita encontra-se efetivamente presente nas atividades do dia a dia, há grande possibilidade de esses indivíduos terem acesso a textos escritos, tirando suas próprias conclusões a respeito da sua utilidade na sociedade. A exclusão dessa vivência em sala de aula tanto pode reduzir e tornar artificial o objeto de aprendizagem, a escrita, quanto pode deixar de explorar a relação que os alunos têm fora da sala de aula com a mesma.

Nesse sentido, partimos da hipótese de que o processo criativo de escrita é observável, identificável e passível de análise das redes associativas de significado nele existente também na Região Norte Fluminense.

O presente estudo tem como objetivo geral se apropriar de uma metodologia capaz de observar, analisar e praticar processos de criação de escrita escolar discente e docente.

Especificamente, pretendemos: a) Replicar a experiência realizada pelo grupo de pesquisa ET&C, do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, em três escolas públicas da Região Norte Fluminense; b) Comparar a replicação feita nas escolas da Região Norte Fluminense, em diálogo, com grupo de pesquisa ET&C (UFAL); c) Realizar, a partir do material coletado, duas oficinas de criação de manuscritos escolares, com oito horas/aula cada; e d) Expor os resultados dos experimentos, com o devido sigilo das identidades infantis, ao debate institucional coletivo presencial e virtual.

Por fim, a análise dos processos de criação e escritura de alunos de escolas públicas dessa região poderá permitir a observação e a descrição de tais processos de apropriação de diferentes propriedades textuais, contribuindo para dar visibilidade a algo ainda invisível, tanto nos cursos de formação quanto nas salas de aula, ao mesmo tempo em que oportuniza a discussão

sobre os aspectos histórico-culturais que envolvem as ainda hegemônicas práticas da escrita como produto.

3 O projeto de extensão

Para atingir os objetivos deste estudo, pretendemos eleger a metodologia de natureza qualitativa de cunho descritivo, uma vez que temos o intuito de descrever as características de determinado grupo, por meio do uso de técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 2010).

Tendo em vista o caráter de extensão do projeto, mas ao mesmo tempo seu caráter de “transferência de tecnologia”, optou-se por uma inserção progressiva de docentes conforme a peculiaridade de cada etapa. Inicialmente, foram convidados para participar do projeto três docentes, duas alunas e um ex-aluno do curso de Licenciatura de Pedagogia da UENF (uma como bolsista de extensão e dois como voluntários), que dão aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental de instituições públicas da Região Norte Fluminense (Campos dos Goytacazes, Macaé, São Francisco de Itabapoana). Eles irão trabalhar, em suas respectivas turmas, a questão da autoria a partir do recorte feito para esse objeto de estudo, a saber: dar continuidade aos quatro primeiros versos (em negrito) do poema “Raridade”, de José Paulo Paes, reproduzida a seguir:

**A arara é uma ave rara/ pois o homem não para
de ir ao mato caçá-la/ para a pôr na sala**
em cima de um poleiro/ onde ela fica o dia inteiro
fazendo escarcéu/ porque já não pode voar pelo céu.

E se o homem não para/ de caçar arara,
hoje uma ave rara,/ ou a arara some
ou então muda seu nome/ para arrara.

Algo a princípio simples, pois essa é uma estratégia pedagógica conhecida dos professores para estimular a produção textual, assim como a paródia e outras.

A questão é que nesse estudo não estamos interessados na versão final dos versos criados pelos alunos, para dar sequência ao poema. O que interessa são as relações que o aluno estabelece com o texto que escreve enquanto escreve. Ou de outro modo, apresentar o que se poderia chamar de escrita viva, isto é, as relações que possam estar envolvidas em seu processo de produção.

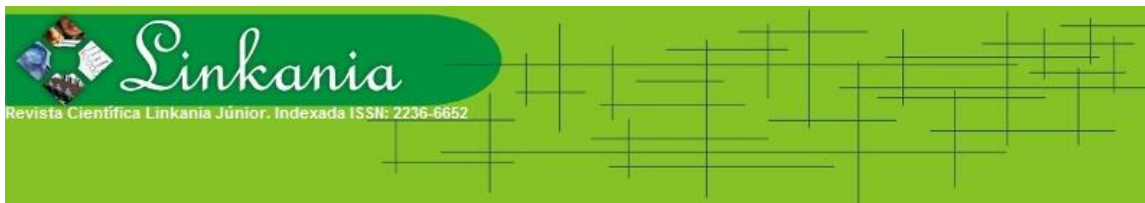
Porém, como aponta Calil (2004):

A partir disto surge um problema metodológico. Como ter algum tipo de acesso ao que se passa entre o aluno e o texto que escreve, ou, para ser mais preciso, como destacar o *processo* de produção de um texto, se o ato de escrever é, geralmente, silencioso, individual e solitário? (p. 4).

A saída metodológica encontrada é propor que os alunos trabalhem em dupla para que, por meio da fala, tornem visível o pensamento, enquanto processam colaborativamente as ideias que serão escritas, apagadas, repensadas, reescritas etc. Diante dessa condição são quatro os critérios que se colocam para a seleção da dupla de alunos: a) já compreenderem minimamente o sistema de base alfabética; b) não se inibirem diante de uma câmera de vídeo; c) tenham uma boa relação pessoal; e d) não possuam dislalias que impeçam a compreensão do que dizem.

Assim, a base metodológica sustentada no *corpus* desta investigação será marcada pelas análises das rasuras e dos diálogos efetivados por duplas de alunos que, simultaneamente, irão dar continuidade inventiva, a partir do parágrafo inicial do poema escolhido.

Dessa forma, buscaremos fazer uma análise do momento exato em que se dão os processos de criação e escritura a dois por meio de filmagem. Para



tanto, utilizaremos três filmadoras com monopé (para facilitar a movimentação na sala de aula) e três gravadores digitais⁵ (para mixagem com a imagem da filmadora) para acompanhar, em cada turma, as atividades das três duplas de alunos que mais se mostrarem desinibidas, desde o início do exercício proposto até a filmagem do último processo de escritura.

As crianças filmadas terão sua identidade preservada e seus responsáveis contatados, previamente, para tomar ciência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a imagem, ou apenas o áudio, ou nenhuma das duas formas de registro. A razão para se selecionar três duplas de alunos em cada experimento deve-se a necessidade de se garantir o máximo de registros com imagens e áudios de qualidade, tendo em vista as falas cruzadas naturais em uma sala de aula.

O treinamento das bolsistas para as tomadas de imagens será dado pela equipe da Unidade Experimental de Som e Imagem (UESI) da UENF. Será simulado um experimento com alunos do curso de Pedagogia da UENF para as bolsistas do projeto registrarem o processo em vídeo e em áudio, de modo a proceder os ajustes necessários à qualidade do som e das imagens.

Após a coleta de dados e uma pré-análise dos mesmos, a próxima etapa do projeto será comparar a replicação feita nas escolas da Região Norte Fluminense com as análises realizadas pelo grupo de pesquisa ET&C, a fim de verificar se tal metodologia tem o mesmo êxito quando aplicada nas instituições de nossa região.

Ao final do projeto, envolvendo maior número de docentes, pretendemos realizar, a partir do material coletado, duas oficinas de criação de manuscritos escolares, com oito horas aula: uma com os docentes dos anos iniciais das três escolas públicas envolvidas no projeto; e outra com alunos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

⁵ Esses equipamentos já fazem parte dos equipamentos do Núcleo de História Oral e Autoria do LEEL.

(UENF) tenham experiência docente nos anos iniciais ou que sejam bolsistas do PIBID. O intuito é de constituir uma base de multiplicadores para a disseminação do conhecimento que receberam em relação à importância de se trabalhar e valorizar a autoria do aluno, desde seu primeiro rascunho. Nesse sentido, a presente pesquisa busca beneficiar, diretamente, cerca de cento e vinte alunos e quinze docentes, durante o período de doze meses.

A fim de provocar e expandir o debate em torno da escrita como processo e, ao mesmo tempo, conferir-lhe *status* institucional, pretendemos submeter os resultados dos experimentos ao debate no interior da universidade, considerando as instâncias do PIBID no curso de Pedagogia da UENF e do curso de Letras do Instituto Federal Fluminense – IFF, localizado no município de Campos dos Goytacazes, RJ; e também, externamente, na rede social ligada ao Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem, em especial com a equipe de discentes e docentes participantes do grupo de pesquisa ET&C, do Centro de Educação da UFAL.

Como forma de provocar os debates, serão utilizadas as técnicas do Grupo Focal e do Estudo de Caso. Conforme Gomes e Barbosa (1999), o grupo focal é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade, com possibilidade de instigar novos saberes e de ressignificar posturas profissionais. Já o Estudo de Caso permite a discussão sobre possíveis soluções. Linhares e Reis (2008), por exemplo, perceberam o Estudo de Caso como um recurso metodológico promissor para abordar questões da formação docente para o ensino de física, selecionando um tema em seu contexto e propondo indagações e discussões para a formulação de hipóteses de solução.

Tais debates terão importância avaliativa sobre a condução dos experimentos em si, ao mesmo tempo em que permitirão perceber possibilidades e caminhos de mudança conceitual entre os docentes que se

envolverem no debate. Trata-se aqui de admitir conscientemente que o poder da cultura da escrita como produto sobre as subjetividades docentes ainda é dominante e hegemônico, exigindo inventividade metodológica para perceber caminhos que esses mesmos docentes possam admitir como possível em suas práticas pedagógicas em relação à produção textual.

Os registros de cada um desses debates serão editados para subsidiar a produção de três artigos em coautoria com cada professor(a) colaborador(a) de cada instância institucional.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como foi exposto, o presente projeto pretende replicar um modelo de observação da escrita como um processo criativo, por meio de redes associativas, e não como um produto acabado⁶, em que o professor incentive o rascunho da escrita e não julgue negativamente tal procedimento.

Esperamos, com esse projeto de extensão, contribuir para a emergência de um lócus de discussão interinstitucional regional (UENF/Pedagogia/PIBID, UENF/Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem – PGCL, Instituto Federal Fluminense/Letras e Escolas Municipais). Isto é, entre lugares de produção conceitual e de práticas educacionais em torno do processo de criação escrita, envolvendo pesquisadores, licenciandos de Pedagogia e, especialmente, professores que estão na sala de aula vivenciando os enfrentamentos que o ensino da língua materna provoca.

Além disso, pretendemos provocar, nos indivíduos participantes do projeto, envolvimento e compromisso o suficiente para multiplicar o conhecimento adquirido seja com projetos extensionistas (na própria escola ou na UENF) ou acadêmicos (monografia, dissertação, tese).

⁶ Aqui todo o processo criativo é interrompido para focalizar em aspectos formais da língua, tais como: ortografia, parágrafo, afastamento, limpeza, entre outros.

Referências

ALVES, Maria Freire. **Passos e descompassos da alfabetização**. Goiânia: Editora da UFG, 1993.

BOHN, Hilário I. Produção textual e cultura: a interlocução necessária da construção do saber. In: SOUZA, Osmar de; BOHN, Hilário I. (Orgs.). **Escrita e cidadania**. Florianópolis: Insular, 2003.

CALIL, Eduardo. **Autoria**: a criança e a escrita de histórias inventadas. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2004.

_____ (Org.). **Trilhas da escrita**: autoria, leitura e ensino. São Paulo: Cortez, 2007.

CARMO, Gerson T.; CORRÊA, Jackeline B.; FERREIRA, Laís R. Alfabetizadoras: do medo de escrever ao direito da autoria em uma disciplina do PARFOR. In: **Caderno de Textos Comunicações Completas**, II Seminário Nacional de Alfabetização e Letramento – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2012. p. 948-959.

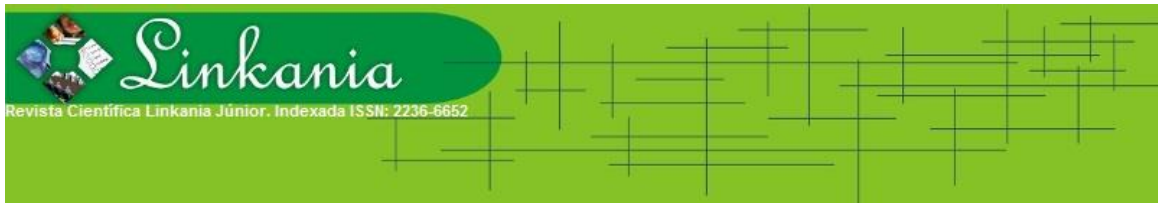
GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Maria Elasir S.; BARBOSA, Eduardo F. **A Técnica de Grupos Focais para Obtenção de Dados Qualitativos**. Instituto de Pesquisa e Inovações Educacionais, 1999. Disponível em: <<http://www.educativa.org.br>>. Acesso em: 09 fev. 2013.

KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência-notas sobre o seu papel na formação. In: ZACCUR, E. (Org.) **A magia da linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, SEPE, 2001. p. 101-121.

LINHARES, Marília Paixão; REIS, Ernesto Macedo. Estudos de caso como estratégia de ensino na formação de professores de física. In: **Ciência & Educação**, Bauru, v. 14, n. 3, p. 555-574, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. Campinas/São Paulo: Cortez, UNICAMP, 1988.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Volume 4 - Nº 2– Abril/Junho - 2014

RIOLFI, Cláudia Rosa. O discurso que sustenta a prática pedagógica.
Formação de professor de língua materna. Tese de doutorado. Iel, Unicamp, 1999.

VYGOTSKY, Lev S. A pré-história da linguagem escrita. In: _____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.